

A Criança⁵ e os seus Direitos



Instituto de Apoio à Criança

09 • EDIÇÃO SEMESTRAL

Novembro 2024 a Abril 2025



“A CRIANÇA E AS ARTES”



Instituto de Apoio à Criança

TÍTULO

“A Criança e os seus Direitos”

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Instituto de Apoio à Criança

PAÍS DE PUBLICAÇÃO

Portugal

DIRETORA

Clara Castilho

CONSELHO REDATORIAL

Anabela Reis, Clara Castilho e Fernanda Salvaterra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Cristina Rebelo

CONSELHO CONSULTIVO DO IAC

Ana Jorge, Ana Nunes de Almeida, Armando Leandro, Carlos Neto, Cinelândia Cogumbreiro, Clara Sottomayor, Daniel Sampaio, Emílio Salgueiro, Guilherme de Oliveira Martins, Hermano do Carmo, José Ornelas, Laborinho Lúcio, Leonor Beleza, Manuel Sarmento, Maria de Belém Roseira, Maria José Lobo Fernandes, Marta Santos Pais, Rui Pereira, Sérgio Niza e Teresa Féria

CONTACTO DA REVISTA

iac-marketing@iacrianca.pt

CONTACTOS DO IAC

Propriedade / Edição / Sede de Redação:

Av. da República, 21

1050-185 Lisboa

Tel.: + 351 213 617 880

iac-sede@iacrianca.pt

NIPC 501 377 662

IMPRESSÃO

Tipografia Lobão

Rua Quinta do Gato Bravo 5

2810-069 Almada

N.º DEPÓSITO LEGAL 479127/21

ISSN 2184-8580

N.º DE REGISTO ERC 127526

PERIODICIDADE

Semestral

LÍNGUA DE PUBLICAÇÃO

Português

TIRAGEM

750 Exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Disponível em suporte digital para download em www.iacrianca.pt

O **Estatuto Editorial** encontra-se disponível em www.iacrianca.pt



11



16

SUMÁRIO

- 4 EDITORIAL
Dulce Rocha
- 7 A IMPOSSIBILIDADE DA VIDA SEM ARTE
Helena Lima
- 11 A ARTE DE SER LEITOR
José Fanha
- 16 UMA ESCOLA DO OUTRO LADO DO ESPELHO
Teresa Ricou
- 18 NO PRINCÍPIO É O CORPO
Bruno Cochat
- 22 UMA CRIANÇA NÃO É UM ARTISTA
Ana Ribeiro
- 26 A ARTE DE APRENDER A SER
Lídia Velez e Sónia Valente

José Fanha

“ Todos nós precisamos de arte para cumprir a nossa tão imperfeita humanidade. Precisamos de símbolo como de pão para a boca. Precisamos de mergulhar dentro do universo dos símbolos para encontrar um nome, uma história, um território a que possamos pertencer. ”

18



26





Desde a Antiguidade que a arte é utilizada para recuperar. Há livros que nos contam como as mães das cidades conquistadas cantavam para apaziguar os seus filhos depois das derrotas dos exércitos em que haviam combatido os seus pais.

Estamos a dias de comemorar os 35 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança. Queríamos celebrar de uma forma sentida, mas, ao mesmo tempo, bela e foi assim que nasceu a ideia.

Eu e a Diretora da Revista, Clara Castilho, entendemos que, depois de termos abordado e refletido através de textos excelentes, com os amigos do Instituto de Apoio à Criança, em especial com os ilustres membros do seu Conselho Consultivo, múltiplos temas, designadamente a Saúde, a Educação, a Pandemia e os seus impactos a nível psicossocial, a Violência Sexual, o papel do IAC e dos seus projetos, as perspetivas do futuro, o Direito à Participação, estava na hora de falarmos das Artes, da sua importância para o desenvolvimento do ser humano.

Pareceu-nos que seria uma forma bonita de comemorar o que convoca o coração para recordar festivamente. Na verdade, as artes desempenham uma função ímpar na criatividade,

na imaginação, porque incentivam o sonho e permitem, assim, uma existência mais feliz.

Quando às crianças, é proporcionada uma proximidade às artes: estamos a dar-lhes condições de uma completude a nível emocional que vai influenciar a sua estabilidade psíquica e um desenvolvimento mais equilibrado.

Diz-se com frequência que a arte constitui uma linguagem universal e essa afirmação é comprovada de uma forma mais patente através das crianças que se aproximam precisamente quando desenham ou pintam juntas, quando cantam ou dançam juntas.

Muitas amizades profundas começaram em grupos de crianças com ligações às artes. Os laços afetivos que se constroem nesses ambientes em que a estética está presente são quase sempre profundos e duradouros.

Tem havido também experiências muito positivas entre crianças que recuperam de trau-

mas graves através das artes. As mais conhecidas são as situações que reportam casos de meninos dos campos de refugiados. Constituem-se grupos de desenho ou pintura nesses campos e é aí que, pela primeira vez, crianças órfãs ou que foram vítimas de ferimentos graves, voltam a sorrir.

São apontados mais vezes os exemplos das artes plásticas, utilizadas nomeadamente em casos de crianças vítimas de guerras e conflitos armados, mas temos também relatos muito fortes de ajuda à recuperação de vítimas de violência sexual.

O grande pianista James Rhodes no seu livro “Instrumental” conta como foi salvo pela música. Foi vítima de abuso sexual aos seis anos e fala-nos sobre o poder terapêutico da arte.

Desde a Antiguidade que a arte é utilizada para recuperar. Há livros que nos contam como as mães das cidades conquistadas cantavam para apaziguar os seus filhos depois das derrotas dos exércitos em que haviam combatido os seus pais. Sabemos que a História se tem contado através dos vencedores, mas os vencidos que conseguiram sobreviver ficaram muitas vezes a dever à arte, sobretudo à música, à dança e à representação, os efeitos resilientes da sua mestria artística.

Entre nós, os textos mais conhecidos que falam da importância da arte para a criança, ligam sobretudo a arte à educação. Utilizar a arte como estratégia de motivação para a aprendizagem.

Como referi, a dança, o desenho, a música são tudo formas de comunicar universais. As crianças não precisam falar, substituindo as

palavras por outro tipo de linguagem, aliando por vezes a ludicidade à arte para despertar na criança o desejo de aprender ou socializar.

Desde a sua fundação, o Instituto da Criança dedicou uma atenção especial à ludicidade, de tal forma que o Setor da Actividade Lúdica foi dos primeiros a surgir, com os nomes incontornáveis de Carlos Neto e Natália Pais. A valorização do brincar é também uma forma de integrar essas capacidades infantis de criatividade, por forma a, não raramente, iniciar estas formas específicas de trazer o sonho para a vida das crianças.

Também a literatura dirigida à infância esteve entre as preocupações iniciais dos fundadores, com os primeiros concursos de literatura infantil a contarem com a participação do IAC, até porque a contribuição de sócios-fundadores comprometidos com a poesia, com os contos infantis e com a arte em geral como Matilde Rosa Araújo, Luísa Ducla Soares, António Torrado, ou Arquimedes da Silva Santos tinham de ser decisivos nesse olhar mais abrangente de entender a criança como ser humano especial, onde a imaginação, a fantasia, o encantamento e a poesia estão mais presentes ainda.

Todos os projetos educativos inovadores contemporâneos da criação do Instituto de Apoio à Criança, como a Casa da Praia ou a Torre, entendiam a arte como essencial para o desenvolvimento saudável da Criança. Por essa altura, em que todas as iniciativas que rodearam o Ano Internacional da Criança geraram pensamento e fecundo debate sobre os Direitos e o bem-estar da Criança, começou a adoptar-se o modelo ecologista, bio-psico-social pelo que a apologia da expressão artística da criança passou a ser mais consensual sobre os benefi-

cios para o são desenvolvimento da Criança. Domingos Morais num artigo de homenagem a João dos Santos fala da sua influência determinante para a fundação em 1956 da Associação Portuguesa de Educação pela Arte, presidida por Alice Gomes e de que faziam parte também Almada Negreiros, João de Freitas Branco, Calvet de Magalhães e Arquimedes Sousa Santos. Segundo Morais, foi justamente no ano seguinte que João dos Santos fez uma Conferência que é considerada o ato fundador da Educação pela Arte em Portugal, o que mostra bem a genialidade do grande inspirador do Instituto da Criança e a quem todos reconhecemos qualidades de enorme valia, que marcam extraordinárias iniciativas que visaram a defesa das Crianças e Jovens no nosso País.

Manuela Eanes, que se empenhou na criação do Instituto da Criança há mais de 40 anos, agregando um conjunto de profissionais das mais diversas áreas, da Saúde, da Justiça, do Ensino, da Educação, da Psicologia, da Área social, fala sempre de João dos Santos com enorme carinho e admiração, reconhecendo-lhe talento, saber, qualidades profissionais e humanas, mas sobretudo uma enorme dedicação à causa da defesa da Criança, motivada pelo grande amor à Criança, vista numa perspectiva holística. Daí a sua ideia de que era necessária uma política integrada para a infância, com medidas transversais e transformadoras.

É por tudo isto que costumo dizer que o Instituto de Apoio à Criança nasceu da genialidade de João dos Santos, do humanismo de Manuela Eanes, e com a ajuda de profissionais de excelência que souberam dar sentido à Utopia. Sem a visão integradora de todos os fundadores, a ideia não se teria concretizado e teria sido mais difícil trilharmos o nosso caminho.

Em suma, a arte esteve sempre presente entre nós: no Projeto das Crianças de Rua, nas estratégias para retirar da exclusão os mais pobres e desprotegidos, utilizamos a arte para nos aproximarmos e para permanecermos nas suas vidas; no SOS Criança, quando os psicólogos tentam abordar os temas difíceis dos maus tratos ou dos abusos sexuais; no Projeto da Mediação escolar, quando nos GAAFs (Grupos de apoio ao aluno e à Família), procuramos perceber as razões do absentismo e do insucesso e apoiar as vítimas de bullying na escola; nos Hospitais e nos Centros de Saúde, quando tentamos diminuir a ansiedade e o medo, e mais recentemente nas Escolas de Segunda Oportunidade, onde precisamos da arte para motivar os jovens que abandonaram o ensino regular e regressaram a uma escola onde finalmente conseguem sucesso.

Como recordei, as artes foram utilizadas desde a Antiguidade não apenas para provocar enlevo e comoção, mas também para ajudar a recuperar.

Por isso nos lembrámos que seria muito justo dedicar este número da revista às artes e temos consciência que muito haveria ainda para dizer e refletir.

Quero muito agradecer aos nossos amigos que têm dedicado a sua vida a integrar a arte na vida das crianças e dos jovens, e que aceitaram este desafio de contribuírem para que esta seja uma revista sobre o belo e sobre como a arte pode influenciar o bem e o harmonioso crescimento da Criança.

DULCE ROCHA

Presidente da Direção do IAC

“*A impossibilidade da vida sem Arte*”

HELENA LIMA

Adjunta da direção da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional para a Orquestra Geração/
Presidente da Associação das Orquestras Sinfónicas
Jjuvenis Sistema Portugal.



Orquestra de Afectos, programa da Orquestra Geração para o Jardim de Infância. Foto: Márcia Lessa.

Pensar a importância das artes na vida das crianças é recordar, em primeiro lugar e numa perspetiva muito pessoal, as minhas primeiras e mais antigas memórias, nas melodias que uma avó tocava, na gaita de beijos, as canções e danças do seu Minho natal; na voz de uma bisavó que me transportava a um Alentejo desconhecido, numa moda que até hoje ressoa no mais fundo do meu coração; na voz da minha mãe, que me embalou com canções que repeti aos meus filhos e que, quem sabe, voltarão a ressoar junto dos seus, sejam eles naturais ou do coração.

É esta ressonância emocional que me vem, em primeiro lugar, à flor da pele e do pensamento, e que no fundo é a mesma coisa, e que reflete a importância da música na minha vida, anterior às experiências e vivências da educação musical que me foram, mais tarde, propor-

cionadas. É também recordar, e voltar a ouvir, as músicas que ouvia, cantava ou dançava em conjunto com os meus amigos, e que foram acompanhando o meu crescimento, tecendo e alargando ligações, conhecimento do mundo e de outras culturas, construindo pensamento, acompanhando interrogações e perplexidades.

E a estas primeiras vivências artísticas, que muito precocemente foram musicais, foram-se somando outras expressões – a pintura, o teatro, a dança, configurando aquilo que para mim as artes, acima de tudo, consubstanciam: um canal para o desenvolvimento emocional e mental de todo o ser humano, onde se criam laços emocionais e sociais, sentimentos de partilha e de pertença, relação com o passado e projeção para o futuro, onde se liberta a imaginação e a criatividade, onde se criam espaços de maravilhamento e de questionamento úni-

cos e múltiplos e, por vezes, espaços de luta contra a loucura, a tirania e a desumanidade.

Enquanto configuram um espaço comunitário de referência, as artes são simultaneamente um espaço único e pessoal de vivência e experimentação, transcendem as palavras, conectam-nos a emoções e experiências de uma forma visceral. E esta ligação visceral, no que à música respeita, é absolutamente literal, já que a audição é o primeiro sentido que se desenvolve durante o período gestacional, conectando-nos com os sons e ritmos do corpo da nossa mãe, nos regula, nos desperta e embala, através do qual recebemos os primeiros vislumbres do mundo exterior, sendo por isso, fundacional.

Mas, de forma alguma, este sentir e pensar me é exclusivo, sendo seguramente partilhado por milhões de seres, embora com formulações diferentes. Este sentir e pensar, que se auto incluem, sobre a importância das artes, está fundado na forma como arte e vida se interlaçam e são indissociáveis em culturas e sociedades ancestrais.

Os antigos gregos falam-nos da importância da música na vida humana, que extravasa a sua importância enquanto forma de entretenimento ou de representatividade, sendo entendida como um reflexo da harmonia do universo, bem expresso no conceito de "Música das Esferas". A música, na expressão de filósofos como Platão e

Aristóteles, era capaz de equilibrar o corpo e a mente, e de cultivar virtudes essenciais ao cidadão. Na República, Platão defende que a música molda o caráter e a alma, sendo por isso indispensável na formação dos jovens.

Esta visão grega ressoa até aos dias de hoje, atravessando várias eras, entrando em consonância com estudos modernos que confirmam que a música na infância pode melhorar competências cognitivas e emocionais, desenvolvendo uma maior capacidade de concentração, disciplina, sensibilidade, imaginação e criatividade. A neurociência tem fornecido cada vez mais evidências do impacto positivo da música no cérebro humano, não somente da fruição estética, mas da implicação nos processos criativos. António Damásio, o conceituado neurocientista e diretor do *Brain and Creativity Institute*, destaca como a música pode evocar emoções intensas e como essas emoções são

"Quando ouvimos música, e mais ainda quando fazemos música, as áreas cerebrais associadas à emoção, como o sistema límbico, são ativadas, resultando na liberação de hormonas..."

processadas pelo cérebro. Quando ouvimos música e, mais ainda, quando fazemos música, as áreas cerebrais associadas à emoção, como o sistema límbico, são ativadas, resultando na liberação de hormonas como a dopamina, a serotonina e a ocitocina, que estão diretamente ligadas ao bem-estar e à felicidade. Um estudo publicado na *Nature Reviews Neuroscience*¹, entre muitos outros, demonstrou também como a prática musical pode aumentar a plasticidade cerebral, promovendo conexões mais

¹ Koelsch, Stefan. "Neurocognitive Mechanisms of Music Processing." *Nature Reviews Neuroscience*, 2014.

fortes entre diferentes áreas do cérebro, especialmente aquelas que estão relacionadas com o processamento auditivo, motor e emocional. Isso explica, em parte, porque as crianças que têm acesso à prática musical desenvolvem não apenas competências musicais, mas também sociais e cognitivas que se refletem em todas as áreas da sua vida. O papel desempenhado na regulação das emoções também é relevante: durante momentos de tristeza, dor ou alegria, a música possibilita uma forma única de processar as emoções.

Falar sobre a importância das artes na vida das crianças é, assim, tocar no que é uma das bases mais profundas do desenvolvimento humano e das comunidades. As artes são uma porta para o mundo sensível das crianças, para a descoberta de si mesmas e dos outros. Quando penso no papel das artes na infância, penso igualmente num espaço onde a liberdade de ser é encorajada, onde o erro não é uma falha, mas faz parte do processo de criação e da aprendizagem.

Todas as crianças são curiosas por natureza: é a partir da experimentação, de sentir, tocar e criar que exploram o mundo em seu redor, de forma lúdica e profunda, e a arte dá-lhes essa possibilidade. Quando uma criança desenha, canta, ou dança, ela está a expressar sentimentos e pensamentos que muitas vezes não consegue verbalizar. É um processo natural de expressão do seu mundo interior: as suas alegrias, medos, ansiedades e sonhos; e também pode

ser o confronto e convívio com a forma como outros se expressam, sentem e pensam. Na arte encontram igualmente um lugar de refúgio, um espaço seguro onde podem ser quem são, sem julgamentos; a arte configura um território de liberdade, um território de possibilidades, sem respostas certas ou erradas e onde as perguntas são como as cerejas, vêm uma atrás das outras, aumentando aquilo que as crianças vão conhecendo, mas, sobretudo, abrindo novos horizontes e espaços ainda desconhecidos, mas que já se prefiguram no horizonte da sua curiosidade. E esta liberdade criativa e espaço de expressão é essencial para o desenvolvimento da autoestima das crianças. Uma criança que se sente capaz de criar e expressar-se artisticamente é uma criança que confia na sua própria voz e nas suas capacidades.

Mas além de ser uma expressão íntima, a arte também é uma forma de conexão: quando as crianças criam juntas estão a aprender a escutar o outro, a colaborar, a partilhar ideias e emoções. Elas descobrem que a criação e a prática coletiva é tão ou mais rica que a individual, e que o ato artístico é, muitas vezes, um diálogo — consigo próprias, com as suas emoções, entre elas, com o mundo.

Como anteriormente referi, a arte também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo. Embora não seja o aspeto que mais me fascina, é impossível ignorar como a arte desenvolve competências como o pensamento crítico, o pensamento divergente,

"Todas as crianças são curiosas por natureza: é a partir da experimentação, de sentir, tocar e criar que exploram o mundo em seu redor, de forma lúdica e profunda, e a arte dá-lhes essa possibilidade."

a resolução de problemas, a atenção aos detalhes. Mas o mais especial é o desenvolvimento da imaginação, essa espécie de superpoder que a arte alimenta, e é a partir dela que as crianças começam a conceber mundos alternativos, novas soluções, novas maneiras de ver e estar no mundo. É a imaginação que faz uma criança olhar para uma folha em branco e ver ali uma tela cheia de possibilidades.

A arte também pode ser uma forma de nos aproximarmos a uma conexão empática com os outros. Ao entrarem em contacto com diferentes formas de ser e de ver o mundo, as crianças experimentam diferentes perspetivas e a valorizar a diversidade. A arte apresenta diferentes reflexões e caminhos, vivências face a uma situação comum, diferentes pensamentos e sentimentos, desafios, experiências, múltiplas cores, sons, movimentos, em coexistência e, que no limite, são necessários.

As artes são essenciais à vida, são estruturan-

tes e fundacionais: são por isso, ou devem ser, um direito fundamental das crianças.

Nos últimos anos tenho trabalhado, no contexto do projeto *Orquestra Geração (OG)*, com grupos mais distanciados da prática musical, ou sem qualquer acesso à mesma, quer seja por motivos de maiores debilidades socioeconómicas ou por isolamento geográfico. Tenho experienciado o impacto nas suas vidas, apesar dos muitos desafios que se têm apresentado. Quer seja no desenvolvimento dos vários núcleos orquestrais ou ainda no projeto para o jardim de infância (*Orquestra de Afectos*²), a OG tem desempenhado um papel transformador no desenvolvimento destas crianças, bem como nas suas comunidades de origem e nas comunidades escolares. A música, neste sentido, torna-se um caminho para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos, independentemente da sua origem ou condição social, podem encontrar um lugar para se expressar e se realizar.

² A *Orquestra de Afectos* tem como objetivo trabalhar a comunicação afetiva e ajudar a mitigar conflitos e agressividade no contexto escolar. Através de sessões musicais que incentivam a partilha de emoções e sentimentos, oferece às crianças um espaço para explorarem a sua expressividade e fortalecerem laços com a comunidade escolar, criando uma rede de apoio que vai além das crianças, impactando o ambiente escolar e familiar.

“A Arte de ser Leitor,”

JOSÉ FANHA
Escritor.



"Conta-me uma história de amor, uma história oriental, uma bela história de amor, de ciúme, de sangue e de morte! conta-me uma história, senão mato-te"

- "Amores feiticeiros", Tahar Ben Jelloun, Ed. Cavalo de Ferro, Lisboa, 2005

Numa entrevista a um jornal português (Expresso, 10.11.90) e perante aquela pergunta repetidamente inútil que é: "O senhor escreve para quê?", o escritor espanhol Muñoz Molina respondeu que escrevia para saber como é que acabava a história.

Creio que todos nós lemos para saber como é que começou a primeira história e como é que irá acabar a última.

Sei, de experiência feita, que ler, contar histórias, partilhar leituras, é uma coisa muito mais séria do que possam pensar os menos atentos.

Todos nós precisamos de arte para cumprir a nossa tão imperfeita humanidade. Precisamos de símbolo como de pão para a boca. Precisamos de mergulhar dentro do universo dos símbolos para encontrar um nome, uma história, um território a que possamos pertencer.

Todos pertencemos a uma família, uma rua, uma cidade, um clube, um país. E, se podemos considerar que o mito é o território da pertença, a narração será a forma de trabalhar simbolicamente essa pertença e de consolidar as raízes identitárias, ligando indissolavelmente o individual ao coletivo.

Segundo Alberto Manguel: “*Ler, quase tanto como respirar, é uma das nossas funções vitais*”. (Manguel, 1998:21). Não tenho dúvidas.

Ler, contar e partilhar histórias, além de constituir um grande espaço de afeto, pode ser, em circunstâncias extremas, uma questão de vida ou de morte, de morte ou de vida, como ainda a nos lembra o escritor espanhol Jorge Semp-rún em “A escrita ou a vida”, ao narrar a experiência extrema da sobrevivência num campo de concentração nazi, lembrando-nos que “... *uma voz encostada a outra voz pode chegar para manter um ser humano em vida*”.

Tenho um caminho de vida, uma experiência vasta, diversa e ligada por diversos cordões umbilicais à escrita e às escritas, à leitura e à promoção da leitura.

Estou certo de que ler é porventura um dos atos primeiros do homem quando nasce. Mal abre os olhos, o homem lê. Talvez já leia até antes de os abrir. É claro que não lê Shakespeare ou Fernando Pessoa. Nem sequer lê o jornal desportivo.

A criança não sabe ler textos nem reconhece palavras ou letras. Mas lê, o vocabulário, dos cheiros, das temperaturas, das cores, das luzes, dos ambientes, dos afetos.

Ler, seja em que vocabulário for, faz parte do dia a dia de qualquer um de nós. Mesmo dos analfabetos. Mesmo dos que dizem que não gostam de ler.

Lemos as nuvens para saber se vai chover ou não. Lemos a cara do pai ou da mãe, da namorada, do professor, do diretor... Lemos a luz para tentar a hora do dia quando nos falta

o relógio. Lemos os que viajam conosco no comboio, os que estão ao nosso lado na mesa do café. Lemos os olhos, os gestos, o corpo, os adornos, a roupa, a forma de caminhar.

A nossa cultura nasce da leitura e, em primeira ou última instância, nasce da palavra.

SOBRE A RENITÊNCIA À LITERATURA EM PORTUGAL

Os homens da modernidade do nosso país sempre apoiaram o pensamento, a ciência, o livro. Penso sobretudo em D. João II e no Marquês de Pombal.

Para a preparação das viagens marítimas, D. João II contava com a colaboração dos grandes cartógrafos, matemáticos, astrónomos, médicos. Homens da ciência, homens do livro. O trabalho destes homens foi de tal maneira importante que se tornou nalguns casos em segredo de Estado. Divulgar esse precioso saber a algum país estrangeiro chegou a ser castigado com a pena de morte.

A expulsão direta ou indireta dos judeus de Portugal no reinado de Manuel e o terrível aparecimento da Inquisição tornaram-se simultaneamente na recusa de caminhar através do livro em direção ao saber e à ciência moderna.

DE QUE É QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE LEITURA

A aprendizagem da leitura é feita através de tecnologias pedagógico-didáticas por demais conhecidas, estudadas, problematizadas. Os figurinos dessa aprendizagem estão descritos e definidos.

Portugal foi talvez o último país da Europa a erradicar o analfabetismo. Em Abril de 74, 40 % dos portugueses eram analfabetos, já para não falarmos das colónias deixadas à mercê do analfabetismo que era, por certo, uma das colunas do domínio colonial.

Hoje, em Portugal já não há analfabetismo. Foi um dos frutos mais saborosos da democracia. Mas há ainda muita gente que não tem hábitos de leitura.

Saber ler é, no entanto, fundamental para construir isso a que se chama literacia. A capacidade de ler e interpretar leva-nos a integrar um texto escrito, construindo assim a cidadania para que as nossas sociedades apontam num tempo novo, democrático, feito de igualdade e progresso.

A PARTILHA DA LEITURA COMO ESPAÇO LIBERTÁRIO

A leitura sempre foi um espaço libertário, um espaço de liberdade. O livro sempre foi perigoso para os universos concentracionários que fogem da liberdade de pensar que a palavra e o livro representam e solicitam.

Todas as ditaduras queimaram livros e perseguiram escritores.

À DESCOBERTA DO OUTRO

Gostaria de falar aqui de uma prisão chamada tempo presente. Todos nós, mais ou menos, vivemos aprisionados no presente.

Podemos ver hoje em dia que as mitologias se esfumaram no ar ou foram formatadas, as velhas histórias tornaram-se domesticadas, os

avós vivem distantes do núcleo familiar e em muitos casos esqueceram o grande repertório que passava de boca em boca, de geração em geração e construía as fábulas à sombra das quais as crianças cresciam.

Um tempo presente formatado e atomizado situa-nos num espaço sempre igual e, no entanto, profundamente solitário e alheio à diferença e à diversidade.

A leitura pode libertar-nos dessa prisão no presente e levar-nos atrás e à frente no tempo e no espaço, até ao passado, ao futuro e a outros lugares ainda mais distantes. A leitura leva-nos ao outro. Conduz-nos à percepção de que o mundo é feito de pessoas diferentes, com práticas sociais diversas, ambições por vezes antagónicas.

Um barbeiro em “O outro pé da sereia” de Mia Couto diz que “É preciso esquecer para ter passado.” E é verdade. Não podemos recordar tudo. E há momentos, acontecimentos, dores que é bom esquecer para continuarmos a trazer um passado possível na algibeira. E eu acrescentaria que é preciso lembrar para ter futuro. E essa lembrança é a que nos é trazida pelos nossos mais velhos, pelas nossas vivências e pelo nosso mergulho na ficção.

No embalo dos livros eu já estive onde nunca fui. No tempo e no espaço. E através dessas leituras posso, porventura, ter conhecido lugares onde nunca fui e talvez nunca vá, lugares com as suas paisagens e os seus seres humanos, mas que fico a conhecer de forma muito mais profunda do que se eventualmente lá tivesse estado de facto.

Conheci um pouco de Buenos Aires e do mun-

do do tango através de Jorge Luís Borges ou de “O cantor de tangos” de Tomás Eloy Martinez. Atravessei a selva amazônica e senti a sua pulsação vegetal e o seu bafo animal através de “O velho que lia romances de amor” de Luís Sepúlveda. Defrontei-me com comportamentos amorosos bem diferentes daqueles que tenho por padrão lendo os romances policiais de Simenon ou os do sueco Heinnig Mankell ou ainda o “Millennium”, best-seller de Stieg Larsson. E esta lista podia ser interminável.

Apesar de lá ter estado por breves dias, a Bahía de S. Salvador que recordo é a dos livros de Jorge Amado. Conheço bem a Rússia das “Almas Mortas” de Gógol, os territórios do norte do México pelos livros de Carlos Fuentes e os estados do Sul dos EUA pelos contos de Carson McCullers, Eudora Welty e de Flannery O’Connors ou pelos romances de William Faulkner.

A leitura faz-nos tomar consciência da necessidade de olhar e refletir sobre a diversidade da vida real. E leva-nos a entender a necessidade de dialogar com essa diversidade e de nos acrescentarmos com o usufruto dessa mesma diversidade.

A leitura abre o nosso peito à compreensão da existência do outro e da sua riqueza que só é riqueza porque é diferença.

A delinquência, por exemplo, será sempre a incapacidade de entender e respeitar o outro. Um estudo em Filadélfia mostrou que 85% dos jovens adolescentes apresentados a tribunal por delinquência não tinham nenhum hábito de leitura.

Durante um ano trabalhei em Centros Educativos do Ministério da Justiça onde estão en-

cerrados meninos delinquentes dos 12 aos 17 anos. Conheci jovens assassinos, assaltantes, violadores... E do contacto com eles aprendi o que é estar-se refém do presente. Explico. O passado destes meninos e jovens é lama e miséria, crime que poucos quererão recordar, auto imagem estilhaçada, ausência de laços afetivos. Eles não querem recordar o passado. O que poderiam recordar é tão negro que recusam a recordação. Querem esquecer.

Mas também não têm futuro. Nunca tiveram. Nunca foram capazes de elaborar o desejo e construir o sonho. Querem uns ténis. Puxam da faca e roubam-nos na hora à primeira pessoa que virem com “aqueles” ténis.

Estes meninos estão presos na prisão, no espaço da prisão. Mas estão presos também num tempo eternamente presente, na ausência de sonho, na ausência de tempo.

A leitura que eu lhes propunha na atividade que desenvolvia com eles, esse vício bom com que procurava “infetá-los”, abria-lhes a possibilidade de romper os muros que os encerravam no espaço e no tempo. Permitia-lhes pensar e pensar-se, para trás e para a frente. No passado e no futuro.

É claro que o nível de literacia era muito variado. Ia do analfabeto ao jovem a frequentar o 9º ano. A instituição fornecia-lhes professores, aulas, ensino.

Mas o sonho pouco crescerá nos manuais. Eu trabalhava do outro lado das palavras. Estes jovens precisavam de aprender a sonhar. Todos nós precisamos. E um dos caminhos que mais e melhor contribui para a capacidade de sonhar, de elaborar o desejo, de conviver com a

ideia de alteridade é justamente a leitura, quer a prosa quer a poesia, quer ainda o teatro.

A alguns eu contava histórias. A outros sugeria livros. Andaram por ali “O Principezinho”, “As aventuras de Tom Sawyer”, o “Fernão Capelo Gaivota”, “A gaivota e o gato que a ensinava a voar” (não por acaso a gaivota se tornou num símbolo do espaço de leitura), e muitos outros. Palavras de liberdade, de sonho, de integridade, palavras que abrem caminhos e fazem abrir o peito aos abraços.

A literatura pode levar-nos ao passado e ao futuro. Pode inclusivamente convidar-nos a espaços, tempos e universos pertencentes a outras

cosmogonias que não as que regem o nosso quotidiano.

A literatura questiona-nos, leva-nos ao mais fundo de nós próprios, confronta-nos com o outro. E é esse a seu grande poder e a sua deslumbrante função.

A sociedade em que vivemos sofre em parte desta mesma condição. Vivemos num tempo de hamburguers, coisas de comer e deitar fora, coisas sem história nem memória, coisas sem raiz e, por isso mesmo, sem futuro.

A escrita e a leitura são o grande espaço do afeto, do tempo, do futuro.

CURSOS INICIAÇÃO / FORMAÇÃO ARTÍSTICA 2024-25

INICIAÇÃO ARTÍSTICA

INICIAÇÃO ARTÍSTICA (13 - 15 ANOS)

TEÓRICOS

TEMAS DE HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL

HISTÓRIA DA ARTE I / II

AS MULHERES NA ARTE - A ARTE DAS MULHERES

HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA I / II

HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA

CULTURA VISUAL E TEORIA DA IMAGEM

ARTES VISUAIS E LITERATURA

ESTÉTICA

TEORIA E HISTÓRIA DA CRÍTICA DE ARTE (SEMESTRAL)

ARTE RELIGIOSA: ORTODOXIA E HETERODOXIA (TRIMESTRAL)

TEÓRICO-PRÁTICOS

CURADORIA DE EXPOSIÇÕES

FOTOGRAFIA I / II

PROJETO ARTÍSTICO EM FOTOGRAFIA

PRÁTICOS - DESENHO

DESENHO COM MODELO I / II / III

ATELIER COM MODELO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA COR

PRÁTICOS - PINTURA

PINTURA I / II / III

ATELIER LIVRE

PROJETO TUTORIAL

OFICINA DE APOIO EM PINTURA

ATELIER EXPERIMENTAL

ILUSTRAÇÃO I / II

TÉCNICAS E PROJETO DE DESENHO CONTEMPORÂNEO

TÉCNICAS E PROJETO DE NARRATIVA SEQUENCIAL E ILUSTRAÇÃO

TÉCNICAS TRADICIONAIS DE IMPRESSÃO PROJETO EM TÉCNICAS TRADICIONAIS DE IMPRESSÃO

INSCRIÇÕES
ABERTAS

“ O Circo é, sempre foi, essa **arte do emergente**, da **superação humana**, da ousadia de transformar um sítio, um espaço vazio e neutro, numa tenda. ”

O **Chapitô e a Escola do Chapitô** tornam consciente, no dia-a-dia, o Circo de que são herdeiros. A Escola do Chapitô é um laboratório de explorações, onde se convocam todos os impossíveis.

Na escola do Chapitô **ensina-se o entrecruzamento plástico, técnico, e poético do corpo, da palavra e do objeto**. É um campo de fecundas e criativas tensões entre as Artes do Circo e os Ofícios do Espetáculo. Porque o Circo é um espetáculo total, feito de dentro e de fora, de artistas e de públicos, de pista e de oficinas, de risco e de riso, de luz e de fantasia.

Entrar no Chapitô é, pouco a pouco, **fazer parte de uma família paradoxal** em que o diálogo, a comoção, o excesso, a correção, a surpresa, a alegria, a reflexão...são nossas, de manhã à noite.

Os adolescentes que entram no Chapitô experimentam uma outra relação com o tempo e o espaço, com a imaginação e a realidade, com a atenção e a frivolidade, com o saber, com o conhecimento e com a vida. Aqui, **aprendem a necessidade absoluta de autodomínio, do desafio, da perseverança, da energia, da disciplina, da cooperação**.

A Escola do Chapitô é **uma Escola à medida do sonho!**

Esta escola do outro lado do espelho merece ser vivida por muita gente como que a dizer **SIM à crença de podermos sempre ser mais** na descoberta do talento de cada um e

na sua realização. Estes adolescentes são uma luz para todos nós!

A nossa missão é incluir para formar, formar para profissionalizar e profissionalizar para **activar a sociedade civil com as artes**.

E a missão de cada um, qual é?

Ou seja: O que nos move? O que faz falta? – Será “animar a malta”?

Na **Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo, no projeto Chapitô**, muitos são aqueles que seguem o sonho de ser artistas e tornam-no realidade.

Os alunos que, dentro de uma especialização, seja no que for, se mostram tecnicamente preparados, são incentivados a entrarem para **escolas superiores na Europa**, vocacionadas para esta área artística, ou qualquer outra profissão, mediante a resposta que o corpo e o intelecto estejam preparados para dar.

Os alunos são a partir daqui livres de expressarem a sua criatividade e conhecimentos em público. Eles orgulham-se daquilo que aprenderam na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo, e das experiências que viveram e partilharam intensa e apaixonadamente, fora e dentro desta casa. Podem tornar-se “freelancers” e, ao mesmo tempo, estarem aptos a desencadear toda uma montagem de dispositivos operacionais para a **realização de espetáculos**. Eles, em certo grau, têm de aprender determinadas particularidades do espetáculo por eles mesmos,

embora tenham o apoio de protagonistas do próprio sector onde desempenham a sua atividade.

O esforço por melhorar a qualidade do ensino na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo tem sido sempre o caminho escolhido pedagógica e tecnicamente. Registam-se aperfeiçoamentos e remodelações sucessivas dos dispositivos pedagógicos, de modo a tornar isso uma realidade educativa. **A disciplina e a criatividade andam de mãos dadas**, já que estamos num sector (o artístico) onde a liberdade de expressão é inerente, mas onde os melhores resultados se conseguem à custa de muito esforço, treino, concentração e dedicação diárias. Um **trabalho intenso que reúne as racionalidades e as emoções de um modo de vida muito particular** que foge aos trâmites mais convencionais, nomeadamente no desenvolvimento intelectual.

A Escola Profissional de Artes e ofícios do Espetáculo do Chapatô pertence ao Projeto Integrado Chapatô, que é uma **ONG** (Organização Não-Governamental) e uma **IPSS** (Instituição Particular de Solidariedade Social). O Chapatô, além da Escola profissional de Artes e Ofícios, reveste-se de outros polos de interesse, como sejam os Centros Educativos da Bela Vista, Padre António de Oliveira e Navarro de Paiva, as Oficinas de materiais de espetáculo, o estúdio de Audiovisuais, a Biblioteca e o Centro de Documentação, Centro de Apoio e Animação Infantil João dos Santos (CAAPI), a Trupe Sénior, o sector das Produções e Vendas, a Companhia Profissional de Teatro, o Restaurante/Bar/Esplanada, contribuindo para a economia social do Projeto Chapatô, entre outros.

Construímos um mundo cheio de fantasia e de grandes desafios, porém um **pequeno mun-**

do repleto de gente grande. Ontem, hoje e amanhã ele reflete a nossa missão; ele será a nossa imagem. Para nós, as mais ricas cidades, as maiores paisagens não contêm jamais o encanto misterioso das outras que, com jovens fabricam o acaso. Sempre, pelo desejo, colhido com zelo e olhado com carinho, se sustentará **a missão – árvore grande e vivaz.**

Desafio todos para que vivamos a vida como uma verdadeira missão enquanto, simultaneamente, me interrogo se não será esse o **“destino” que nos traz juntos – dias para uns – meses para outros – muitos anos para os resistentes...** serão as famílias do futuro, uma reorganização social em desenvolvimento, a educação a ser repensada, o papel das novas tecnologias – entre a inteligência artificial e o pensamento humano...?!!

No projeto Chapatô comunicar não passa só pela palavra, nem só pela divulgação ou pela imagem, mas fundamentalmente, **pelo prazer de estar, pelo empenho, pelo prazer de bem fazer.** Esta qualidade face ao mundo governado pela lógica do poder, recoloca, no seu sentido originário, o conceito de **«cultura cívica».**

Se, por um lado, temos de ser lutadores incansáveis para ultrapassar a passividade de alguns, por outro, ao sermos confrontados todos os dias com dificuldades e riscos, fortalecemo-nos. **Daí que nada nos impeça de continuarmos a construir. Uma equipa de elite – no seu melhor sentido – trabalhando para o Povo.** Juntar os mais carenciados, dando todas as oportunidades, com os mais favorecidos, encontrando assim uma justiça social.

TERESA RICOU

Fundadora e mentora do projeto Chapatô.



Foto: Maurílio Araújo

“No Princípio é o Corpo”

BRUNO COCHAT

Bailarino, coreógrafo e professor da Escola Artística de Música do Conservatório Nacional.

Antes de mais, e porque não quero levar o caro leitor ou cara leitora ao engano, este não é um artigo científico ou um tratado sobre “Corpo e Movimento”. É, antes, fruto dos meus mais de 30 anos de trabalho com crianças, jovens e menos jovens, no ensino artístico especializado da Música, em cursos de formação de atores, em contexto prisional, em ações de *team building*, em trabalho de movimento em peças de teatro, de ópera, ou no Laboratório de Artes Performativas para crianças e jovens que dirijo desde 2017, atualmente no Teatro Maria Matos.

De que falamos quando falamos de “Corpo e Movimento”? Não é de Anatomia, embora esta nos seja indispensável, mas antes da relação entre o meu corpo e eu. E tu e o teu.

Todos temos, normalmente, ou antes, fre-

quentemente, uma relação conflituosa com o nosso corpo. Há sempre qualquer coisa que gostaríamos que fosse diferente de a mudar, alterar, aumentar ou diminuir, nem que para isso, para muitos de nós, tenhamos de passar por procedimentos dolorosos, estando, muitas vezes, mais tempo em processo de descontentamento, de preparação mental, médica, logística e de recuperação, do que “bem na nossa pele”. Aceitamos com dificuldade, durante a adolescência e depois desta, as suas mudanças de aspeto, de cheiro e de formas, quando deveríamos, isso sim, abraçá-las com entusiasmo. Acolhê-las, esta é a palavra de que gosto.

O nosso corpo é um “poço” de sensações e de sentimentos. Em bebés, choramos se temos fome, febre ou nos dói alguma coisa, sorrimos em graus, do esgar ao mais rasgado, rimos, trememos de frio ou de calor, sentimos “na pele”

o que nos acontece, ficamos “com borboletas na barriga” quando algo importante nos aguarda, arrepiamos-nos com uma música, uma história, um poema ou um quadro.

Recordo aqui a primeira vez que vi o quadro de Pablo Picasso, “Guernica”, ao vivo, em Madrid, ainda no *Casón Guernica*, no Museu do Prado (atualmente está no Museu Reina Sofia). Ao entrar na sala onde este se encontrava, perdi a força nas pernas, tal era a emoção. E chorei!

Sim, os homens choram, devem chorar. Chorar, ao contrário do que se diz muito por aí, é para os fortes. Os “fracos” escondem o que sentem.

Trazemos ao corpo o que é do corpo. Somatizamos, enfim. O que nos falta é o *conhecimento* do nosso corpo, a interpretação dos seus sinais. Frequentemente tratamo-lo mal, alimentamo-nos mal, gostamos pouco dele e corremos atrás de ideais irrealistas que, diz-nos o mundo, do cinema à moda, da televisão às “redes”, quanto mais inalcançáveis, melhor.

Não sei se “o corpo é um templo”, como se diz e pratica no Budismo, mas sei que devemos adorá-lo, estimá-lo e cuidá-lo.

Vivemos diariamente na contradição de estar mal com ele, lutar contra o que está mal nele, seja por doença ou alguma parte de que se desgosta e, ao mesmo tempo, tentamos a todo o custo, descobrir a “cura” para a morte

(ou será para a vida?), esperando chegar àquilo a que não queremos chegar – a velhice.

Mas, passemos às crianças, que para isso aqui estamos. Recuperemos, então, a nossa relação com a nossa “máquina perfeita”, concebida para o equilíbrio, que se pretende de dentro para fora.

“... ou o ramo de uma árvore a bater na janela com o vento. O pé começa a bater a tempo. Do pé deixamos o ritmo ir subindo, ossos acima, pele acima, até o ritmo tomar conta do nosso corpo.”

Antes de falarmos qualquer língua, usamos a linguagem corporal, o gesto, a expressão, o movimento, portanto. Aprendemos observando, imitando, explorando, experimentando, primeiramente a solo, depois em interação.

Qualquer criança, em qualquer parte do mundo, se ouvir um ritmo, sente-o no corpo. Costumo perguntar aos meus alunos: “Alguém sabe como se diz *ouvir* em italiano? *Sentire...*”.

Pode ser a batida de um tambor, o tique-taque de um relógio de pêndulo, ou o ramo de

uma árvore a bater na janela com o vento. O pé começa a bater a tempo. Do pé deixamos o ritmo ir subindo, ossos acima, pele acima, até o ritmo tomar conta do nosso corpo. A este tempo podemos chamar também, na Música, pulsação. Pulsação, como a da nossa origem, que temos desde a nossa versão “meia dúzia de células”, aos poucos dias de gestação e que teremos literalmente, a vida toda.

Qualquer criança, em qualquer parte do mundo, expressa as suas emoções na cara, no corpo e no gesto.

Qualquer criança, em qualquer parte do mundo, dança. Dança sem medo. De não saber dançar, da opinião dos outros, sem julgamentos, internos ou externos. Dança de forma livre, sem técnicas ou coreografias.

Quando é que desaprendemos, então? Quando é que nos tornamos nestes adultos “chatos e complicados”? Quando alguém começa a censurar as nossas “figuras” e aquilo que é suposto fazermos ou não, como, onde e quando.

Enquanto profissional de Dança, que dá aulas de Teatro numa escola de Música, sou a verdadeira *pirueta* das Artes Performativas e um dos primeiros “trabalhos” que faço com os meus (já) milhares de alunos é o de “desligar o complicómetro”. Se não tivermos cuidado caímos na frase (não minha, mas desconheço a autoria): “Para quê simplificar se é tão mais fácil complicar?”. Nesta não existência de fronteiras entre as artes, pelo menos numa fase inicial da formação, estão códigos e estratégias comuns, e que o são também a qualquer área da nossa vida: Concentração, Confiança (em nós próprios e nos outros), Criatividade e sabermos usar o nosso corpo e o nosso movimento como canais de transmissão para os nossos sentimentos.

Ouçó frequentemente a frase “Não sei dançar”. Não pode ser verdade, toda a gente sabe. No contexto escolar, em que são tantas as solicitações para pensar, pensar muito, é quase sempre com estranheza que aparecem estas

aulas, com alguém que diz “Dança primeiro, pensa depois” – frase atribuída a Samuel Beckett – algo a que os alunos e alunas reagem, primeiro com estranheza, entranhando-se depois o gosto por fazê-lo. Basta experimentar. É, na verdade, um processo muito *simples*, que devemos não confundir com *fácil*. Existem inúmeros recursos para lá chegar, a partir de músicas, de histórias ou de palavras. O importante, o mais importante é não julgar. Façamos o oposto, elogiemos. Tenho a convicção de que nos elogiamos de menos. Se uma criança ouvir sempre primeiro que o que faz está bem, que é bonito, que é único, que é seu, pode depois procurar outras formas, outras técnicas, outras danças, sem preocupação do certo ou errado.

E porquê a Dança? Não apenas porque é a minha arte, mas porque é a mais pura, a que é mais fácil (*simples?*) de alcançar. “Deixa-te ir!” – dizem crianças, com menos

de 6 anos de idade, aos colegas que demonstram alguma resistência - “Segue o teu coração!”, “Canta com o corpo!” *Simples*, não é? Basta para isso que derrubemos “as cercas com que insistimos em nos defender” (frase do poema/canção “Viajante”, de Thereza Tinoco) e nos deixemos levar pelo nosso primeiro sentido, o Sentir.

Façamos silêncio e joguemos com as nossas crianças ao “É proibido falar”. Ao início não é fácil, parece quase impossível, mas logo começam a surgir *signos*, sinais cúmplices.

“... “Dança primeiro, pensa depois” – frase atribuída a Samuel Beckett – algo a que os alunos e alunas reagem, primeiro com estranheza, entranhando-se depois o gosto por fazê-lo.”

Abro aqui espaço para (mais) uma história pessoal. A “minha” escola, onde dou aulas há 22 anos, a Escola Artística de Música do Conservatório Nacional, acolheu, e bem, em 2021, um grupo de 72 jovens afegãos, alunos de uma escola (também) de Música, em situação de refugiados. Sem sequer pensar, cheguei-me logo à frente para trabalhar com estes miúdos e miúdas, integrando-os com outros jovens locais, portugueses, mas não só. Não havia programa para estas aulas, evidentemente, e pensei imediatamente “Vou ao princípio do princípio, o Corpo”.

Se eu conseguisse que estes jovens (10-16 anos), depois de tudo aquilo por que passaram: guerra, perda de familiares, dias e dias de caminho sem saber se iriam chegar a um porto seguro e medos vários, dançassem, se entregassem, confiassem em mim, uns nos outros e, acima de tudo, em si próprios, missão cumprida! E assim foi!

Idiomas, culturas e religiões à parte, fomos, eles e eu, juntos, nos nossos encontros semanais, aquilo que sempre fomos e seremos: *Pessoas*.

Dançámos e corremos. Corremos depressa, corremos devagar, escorregámos e caímos, caímos nos braços uns dos outros, seja em exercícios de confiança ou em abraços sentidos, chorámos e rimos, uns dos outros e de nós próprios, ultrapassámos barreiras bem difíceis, as que se nos apresentam e aquelas com que nos presentamos.

Ensinámos ritmos e danças tradicionais de um lado e de outro, a um lado e ao outro. Partilhámos e partilhámo-nos mutuamente. E o resultado foram sorrisos sinceros, lágrimas sinceras e abraços de despedida, quando chegou a hora de estes jovens que acolhemos seguirem os seus percursos de vida.

No princípio é o corpo, sempre o corpo.

Deixo aqui, se me permitido, à laia de despedida, a sugestão de duas “leituras” (entre aspas, porque uma delas é para “ler” desenhos), a propósito do que aqui nos traz.

Para os graúdos, “A utilidade do inútil – Um Manifesto”, de Nuccio Ordine, um livro que leio, releio e ofereço frequentemente a quem, como eu, se dedica ao pensamento do que nos leva a sermos como somos e fazemos o que fazemos como fazemos e, para os miúdos, “It Isn’t Rude to Be Nude”, da artista, ilustradora e escritora Rosie Haine, que nos leva, através dos seus desenhos, a concluir que não há corpos certos ou errados, melhores ou piores, bonitos ou feios.

Última citação, desta feita da minha *Mestra* (sem o saber) Pina Bausch:

**"DANCEM, DANCEM,
OU ENTÃO ESTAMOS PERDIDOS".**



Foto: Ricardo Afonso

“Uma criança não é um artista.”

ANA RIBEIRO

Mediadora cultural, autora do projeto de Educação pela Arte “Um Artista aí em Casa.”

"SÃO PEQUENOS ARTISTAS",
ouvimos frequentemente dizer, a propósito das crianças e da sua expressão natural, sem que realmente paremos para pensar na expressão.

Uma criança não é um artista. Nem nunca será.

Um artista é alguém que reflete sobre o mundo em que vive e tem a capacidade de o expressar, de forma intencional, numa obra. Numa obra que simultaneamente diz muito de si através do seu estilo. Aquilo que produz é fruto de trabalho e não surge por acaso.

As produções artísticas de uma criança são a sua expressão natural e inata. Não são fruto

de trabalho nem de grandes reflexões críticas e não nascem com uma intencionalidade artística. Um bebé ouve música ainda antes de nascer, é embalado numa coreografia de afetos, balbucia de forma melódica antes de falar. Uma criança desenha, pinta, rasga, cola, modela antes de ler ou escrever. As diversas formas artísticas fazem parte e contribuem para o desenvolvimento do próprio ser humano. São mesmo essenciais para que um pequeno ser se desenvolva de forma saudável e harmoniosa.

Se olharmos mais atentamente para a expressão plástica, vamos encontrá-la, desde muito cedo, no quotidiano da criança. A partir dos 18 meses um bebé pega num lápis e risca intencionalmente uma superfície produzindo marcas visíveis. Há uma ligação entre o gesto que faz e a linha riscada com prazer. Começa

aqui uma fase de garatujas, marcas gráficas e intencionais que permitirão o desenvolvimento psicomotor da criança. Por volta dos três anos o mundo à sua volta aparece também nas suas representações. A criança reproduz o que a rodeia. Primeiro formas simples a que se segue a figura humana e o mundo que vai descobrindo. Sabe nomeá-las, mesmo quando ainda são imperceptíveis para nós. Estas representações evoluem com o crescimento da própria criança: evoluem em detalhe, organização espacial, semelhança com a realidade até chegar uma altura em que é notória a desilusão do autor pelo que representa por não se assemelhar ao que vê. E nesta fase a criança/pré-adolescente perde muitas vezes o prazer que tinha na sua expressão plástica.

As formas de expressão artística são, para além de naturais na criança, essenciais ao seu desenvolvimento. Desenhar, construir, cantar, dançar, mimetizar são ações que existem na vida infantil inseridas no quotidiano familiar e escolar, confundindo-se com a brincadeira. Fazem parte do ambiente saudável de crescimento. Através delas a criança pode explorar, testar os seus limites, ir mais além, perceber o mundo que a rodeia, estabelecer pontes relacionais com o adulto e com outras crianças.

Cada criança tem a sua forma própria de desenhar e pintar. As suas cores, formas e composições de eleição. Isto mostra que, a par de um roteiro histórico do desenvolvimento gráfico infantil, podemos olhar para as suas criações como uma forma de expressão individual. Expressão do seu mundo interior, da sua personalidade, que plasticamente tem um estilo próprio, um cunho pessoal.

A expressão gráfica/plástica é ainda uma for-

ma de comunicação com o outro que é riquíssima, por ser visual.

As obras que daí resultam (completamente livres ou com orientação de um adulto) são únicas e plenas de elementos estéticos. Mas não são obras de arte. Não vamos colocar o peso da criação artística na criança. A expressão da criança tem de ser livre de qualquer fim para cumprir o seu propósito.

UMA CRIANÇA TEM DIREITO A ARTE

Se muito se fala e escreve da criança enquanto ser criador, que se expressa plasticamente pelo desenho, pintura, escultura, menos comum e igualmente relevante é pensar a criança enquanto fruidora da obra de arte.

Pensar a relação que a Arte pode ter com uma criança, pensar a importância que a Arte tem na educação infantil exige um olhar atual e dignificante sobre o que é uma criança.

A criança é um ser pensante, tal como o adulto. Com uma capacidade de raciocínio, de relação de ideias, de análise que se vai tornando mais complexa à medida que cresce. Como tal, consegue, dentro do seu nível de desenvolvimento, refletir e falar sobre o mundo que a rodeia, sobre si própria e também sobre uma obra de arte.

A criança sabe ajuizar. Consegue olhar uma obra e facilmente produzir sobre ela um juízo de valor: expressar o que gosta ou não gosta e justificá-lo quando interpelada.

A criança tem opinião. E a opinião que tem não é menos válida por ter menos anos de vida. É uma opinião. Somos nós adultos que

tantas vezes não lhes perguntamos o que acham, o que gostam, o que querem... e assumimos a nossa opinião, o nosso ponto de vista como os únicos relevantes.

A criança tem uma capacidade incrível de ler imagens. Os desenhos animados que veem numa língua que desconhecem, as histórias que leem antes de saber ler tornam-na mestre em perceber a comunicação não verbal. Com a entrada das letras na nossa vida vamos ficando cada vez mais presos à palavra e perdendo esta facilidade em interpretar uma imagem até nos tornarmos praticamente analfabetos visuais. Mesmo vivendo num mundo onde a imagem tem um peso imenso, onde consumimos imagens a uma velocidade estonteante, raramente as sabemos ler convenientemente e perceber a sua mensagem.

Quando estamos perante uma obra de arte estamos perante uma imagem. E uma criança terá facilidade em olhar e interpretar o que está à sua frente. Interpretará dentro do que conhece sobre o mundo que a rodeia. Terá menos capacidade de ler as conotações que a obra comporta. Mas também nós, adultos, interpretamos sempre dentro do nosso referente sócio-cultural e dentro na nossa história pessoal.

Se é agora claro que uma criança tem as mesmas capacidades que um adulto para fruir uma obra de arte, por que a privamos dessa experiência tão relevante?

É-nos difícil imaginar uma criança que cresce sem ouvir música. Seja porque em casa se ouve, porque se canta, porque na escola ou na rua a música está presente. Oferecemos naturalmente esta forma artística aos nossos

filhos, como prática cultural que nos constitui. Por que não o fazemos também com as artes visuais? Embora em menor escala, elas existem, acessíveis, em museus, bibliotecas, no espaço público.

A ARTE EXISTE PARA TODOS

A Arte é a forma dos artistas mostrarem o que têm a dizer sobre o mundo. E pelo seu carácter crítico, interventivo, costumam dizer coisas relevantes, que nos interpelam, que nos fazem pensar, que nos levam a experiências estéticas transformadoras. O contacto com obras de arte torna-nos mais despertos a outras realidades, mais sensíveis, mais capazes de analisar, sintetizar, refletir. O contacto com a obra de arte é uma experiência tanto racional como emocional que nos coloca para a par com o outro, neste meio comum que é o ambiente cultural.

A criança tem direito a viver essas experiências.

Tem direito a crescer num ambiente cultural e a formar a sua identidade também através da sua vivência cultural.

A Arte também é para menores de 18 anos!

A ARTE E A EDUCAÇÃO

E a escola? Como se posiciona a escola enquanto instituição democrática que deve atenuar as diferenças sociais, também no acesso à cultura? Como se posiciona a escola face às artes plásticas?

Em Portugal, ao nível do Jardim de Infância a escola é rica em atividades plásticas. Elas são, por excelência, o registo mais comum e mais

presente nas salas de aula. Por nestas idades as atividades plásticas serem encaradas como forma de expressão individual da criança, como comunicação e por ser consensual a sua importância no desenvolvimento infantil. De forma mais livre ou mais orientada, permitindo maior exploração ou obrigando a um rigor mais técnico, não há Jardim de Infância onde não se desenhe, pinte, recorte e modele. No próprio espaço da sala de Jardim de Infância são visíveis os materiais coloridos e as criações dos alunos, expostas nas paredes.

No entanto, a componente artística do Jardim de Infância centra-se na produção das crianças, na expressão plástica, sendo praticamente inexistentes a educação visual, a análise de obras, a história de arte como promotoras do acesso à cultura visual. Talvez por não se sentir conhecedor de arte ou preparado para introduzir a componente reflexiva que a arte traz consigo, o educador raramente vai além da exploração manual, perdendo todo o potencial que a Arte tem de fazer pensar, argumentar, criticar. E este é, a meu ver, a grande mais-valia de educar através da Arte.

Se avançarmos para o primeiro ciclo do ensino básico, as diferentes áreas do saber passam a estar divididas por categorias, com horários rígidos e tempos definidos pelo Ministério da Educação. Para as Expressões Artísticas e Físico-Motoras (Artes Visuais, Expressão Dramática/Teatro, Música, Dança e Educação Física) são contempladas 3 horas semanais lecionadas por um professor generalista. Os extensos currículos de Português, Matemática e Estudo do Meio, a falta de formação artística dos docentes e as turmas com mui-

tos alunos fazem com que as áreas artísticas fiquem, tantas vezes, atiradas para o final do dia, para a ilustração redutora de texto, para os desenhos fotocopiados prontos a colorir e para os presentes das datas comemorativas. A entrada no primeiro ciclo reduz a expressão artística da vida das crianças limitando-a a técnicas pouco interessantes utilizadas como mera decoração.

Não só o desenho deixa de ser aceite como uma forma de expressão válida agora que a criança já sabe escrever como é reduzido o acesso a materiais plásticos e a explorações livres. Mais uma vez, todo o potencial da Arte como forma de educar outros conteúdos é esquecido.

Trabalhar a partir da Arte é utilizar a obra de arte, o percurso de um artista para aprender a analisar, desenvolvendo o pensamento crítico, a capacidade de justificar a partir do que uma imagem mostra, o poder argumentativo - tudo competências que a escola não está a desenvolver nos alunos e que serão essenciais para o seu futuro.

O projeto de que sou autora - **Um Artista aí em Casa** - foi criado com estas premissas de base: que uma criança não é, nem tem de ser, um artista mas tem pleno direito a expressar-se plasticamente e a fruir Arte, a crescer num ambiente cultural rico.

Com ele procuro dar resposta às lacunas que a escola tem em relação à Arte, crente de que Educar através da Arte não serve para formar artistas mas seres humanos sensíveis, críticos e criativos.



“A Arte de aprender a Ser”

LÍDIA VELEZ

Técnica Superior de Serviço Social.

SÓNIA VALENTE

Técnica Superior de Política Social.

A arte, a educação e a inclusão social estão intrinsecamente interligadas na intervenção que desenvolvemos. No IAC – Projeto Rua, proporcionamos um ambiente seguro e construtivo, em que as crianças, independentemente das suas habilidades ou contexto de origem, podem expressar, através da arte, as suas emoções de forma criativa, o que contribui para o seu desenvolvimento integral e promove a sua autoestima. “O carácter integrado da arte (nas suas dimensões emocional e cognitiva) potencia a ação educativa” (Silva, 2009, p.14), estimulando o pensamento crítico, bem como a resolução de problemas e despertando o interesse por novas áreas de conhecimento. As atividades de educação pela arte têm estado presentes ao longo dos anos, na ação do Projeto Rua com crianças, jovens, famílias e interventores sociais. Não se destinam apenas a ensinar técnicas ar-

tísticas, mas, mais importante ainda, visam desenvolver competências socioemocionais.

As crianças e jovens que acompanhamos vivem maioritariamente em meios socioeconómicos vulneráveis, com fraca valorização e pouca acessibilidade à oferta cultural existente. Neste sentido, a equipa continua a promover o contacto com vários tipos de expressão artística, como pintura, teatro, cinema, fotografia, etc, através da realização de ateliers e workshops e de visitas socioeducativas a exposições, museus, bibliotecas e outros espaços culturais.

A ação Aprender na Rua, desenvolvida com crianças em contexto comunitário, utiliza como recurso uma unidade móvel lúdico-pedagógica equipada com material de animação e de expressão artística. A abordagem informal que a caracteriza permite identificar casos

de absentismo escolar e outras situações de risco e/ou perigo. As propostas que apresentamos desafiam a criatividade e a expressão livre, como forma de motivar as crianças para novas descobertas e aprendizagens. Ampliam a percepção, a memória, a capacidade de atenção e de concentração, assim como o planeamento, organização e antecipação, essenciais para a integração e sucesso.

No âmbito da educação formal, a arte desempenha um papel agregador dos vários domínios do saber. Na Escola de Segunda Oportunidade (resposta socioeducativa implementada junto de jovens dos 15 aos 18 anos, para fazer face a situações de abandono precoce de educação e formação), privilegiam-se as metodologias ativas de aprendizagem. A equipa técnico-pedagógica procura motivar os jovens com desafios práticos, em que o trabalho de projeto investe na arte, como mote para promover a reflexão e incentivar a pesquisa e também como forma de apresentar o produto final dos projetos, globalizando o trabalho realizado em cada área disciplinar.

A arte tem o poder de transcender barreiras culturais, linguísticas e sociais. Ela oferece uma plataforma comum para a expressão individual e coletiva, permitindo que vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. Projetos artísticos, como murais, artes circenses, oficinas de música e dança, envolvem pessoas com várias pertenças culturais e combatem estereótipos e atitudes discriminatórias, em relação ao que é diferente e desconhecido, promovendo a educação intercultural, a coesão social e a inclusão.

Estes projetos permitem igualmente sensibilizar, através da arte, para valores como o respeito e a preservação ambiental. A criação de adereços, cenários, figurinos, esculturas e instalações, com materiais reutilizáveis, promove a consciência de que o criador tem a possibilidade de lhes atribuir uma nova configuração, sentido e significado.

O Projeto Expressões Juvenis (PEJ) ilustra a importância atribuída às diferentes formas de participação artística. Foi criado com o objetivo





de envolver ativamente os jovens, proporcionando-lhes experiências novas e desenvolvendo competências. O projeto abrangeu áreas como, a fotografia, o teatro, a dança, o design de moda, o vídeo, o graffiti e o Hip hop. O desafio final foi a realização de um festival juvenil. Estiveram envolvidos neste projeto, jovens acompanhados pelo IAC-Projecto Rua e instituições parceiras da cidade de Lisboa.

Alguns dos jovens acompanhados, agora adultos, foram aprofundando a aprendizagem artística e colaboram na dinamização de ateliers, não só ensinando técnicas que passaram a dominar, mas também, dando o seu testemunho de vida e partilhando a experiência de participação nos projetos desenvolvidos. Realça-se a importância deste contributo, pela identificação entre pares, provenientes de contextos semelhantes e que são inspiradores, tendo em conta a sua trajetória.

Atualmente, destacamos os workshops de expressão dramática, dinamizados semanalmente, quer em espaço comunitário (Bairro do Conado, em Marvila), quer em espaço escolar (Es-

cola de Segunda oportunidade), com os grupos de jovens, em colaboração com formadores de associações socioculturais. São propostos exercícios de dinâmica de grupo, recorrendo a técnicas de expressão dramática, que visam desenvolver competências de comunicação, de relacionamento interpessoal, de tomada de decisão e de resolução de problemas. A prática destas atividades tem promovido o autoconhecimento e autoconfiança, o respeito pelo outro, pelas regras de convivência, garantindo um ambiente securizante para a expressão de emoções. Ao representar situações e personagens, leem e inventam histórias, pintam ou desenham livremente como sentem e veem o mundo, libertam-se, expressam-se, reconhecem os seus sentimentos e vão aprendendo a regular-se, desenvolvendo o autocontrolo.

O processo de distanciamento-focalização, potenciado pela expressão dramática, nomeadamente através do teatro de fantoches e sombras chinesas, permite às crianças e jovens situarem-se noutra realidade, um mundo mágico com personagens. Esse distanciamento representa um olhar “de fora” em relação à situação apresentada, contribuindo para integrar as dimensões de agressividade e de afetividade que fazem parte do universo de todos os indivíduos.

A arte-terapia, é uma abordagem que utiliza a criação artística para promover o bem-estar emocional e mental, ajudando as pessoas a lidar com traumas e a encontrar, através das várias formas de expressão, um sentido para a vida. É uma importante estratégia para a intervenção com aqueles que resistem ao acompanhamento psicoterapêutico “convencional”. Neste âmbito, foi desenvolvido um programa para jovens, por um terapeuta da Sociedade Portuguesa de Arte-terapia, através de sessões semanais. Os jo-

vens aprenderam a lidar com as suas limitações, aumentaram o seu autoconhecimento e reforçaram a sua resiliência. Verificou-se uma diminuição da tensão interpessoal, o fortalecimento do espírito de unidade e o estabelecimento de laços afetivos no seio do grupo.

A integração da arte no treino de competências parentais oferece uma abordagem inovadora e eficaz para fortalecer as habilidades dos pais e cuidadores. Ao promover a expressão, a comunicação e a redução do stress, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma parentalidade mais positiva e eficaz, reforçando os comportamentos desejáveis. São disso exemplo, algumas atividades desenvolvidas na Hora do Mimo, projeto desenvolvido em contexto comunitário com um grupo de jovens mães e os seus filhos em idade pré-escolar. Nas sessões, promovia-se a vinculação, a ludicidade, a partilha de experiências e o desenvolvimento de competências e habilidades parentais, com recurso a contos infantis, música e expressão plástica, entre outras atividades.

A arte também permite que os elementos do núcleo familiar expressem sentimentos e pensamentos de maneira não verbal. Atividades como desenho, pintura e escultura podem ajudar a entender melhor as emoções e pers-

petivas, promovendo uma comunicação mais aberta e empática, melhorando a cooperação e a confiança mútua.

No âmbito da intervenção desenvolvida com pais e filhos na fase da adolescência, proporcionamos visitas culturais, fins de semana, ateliers e espaços de férias conjuntos, onde a arte desempenha um papel de mediação entre o mundo interno e o visível e palpável. Nestas atividades promovemos essa dimensão socio-emocional, centrada na pessoa e na relação com o outro. Foi neste contexto que propusemos recentemente, o atelier de tecelagem, enquanto momento propício a esse diálogo, ao envolvimento dos pais com os seus filhos, à criatividade, e à partilha. Cada família foi tecendo os fios do seu tear, conjugando materiais e cores. Em simultâneo, foram-se transpondo para o contexto familiar algumas considerações que queríamos realçar, como o entrelaçar dos afetos, a cooperação, o colorir das “pequenas tarefas” e a importância de desfrutarem de ações prazerosas que pudessem realizar em conjunto.

“Arte significa construir e desconstruir, concertar e desconcertar, alargar, juntar, emparelhar o pensamento ao sentimento, transformar.” (Libânio, 2013)



A equipa reconhece e valoriza a importância de se questionar, de vivenciar outras experiências e de adquirir novas competências, no sentido de melhorar a qualidade da sua intervenção. Neste sentido, ao longo dos anos, tem beneficiado de múltiplas formações que envolvem expressões artísticas. A Ação de formação para animadores, promovida anualmente pelo Projeto Rua, tem proporcionado a participação em diversos workshops, como teatro do oprimido, expressão dramática e biodança.

A dança e a corporalidade desenvolvem o ser como um todo. “Formas de personalidade e dinâmicas emocionais estão inscritas na nossa corporalidade em movimento social.” (Neto, 2020) Em permanente diálogo, o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento de relação com o mundo e o corpo fornece informação à mente sobre a leitura sensorial que faz, do ambiente que o rodeia. O movimento e a expressão corporal, desencadeados por determinados estímulos musicais, trazem uma dimensão plástica e potencialmente transformadora, promovem a melhoria da coordenação motora, o desenvolvimento da consciência espaço-temporal, a libertação de tensões, a regulação de estados emocionais e tratando-se de dança em grupo, a socialização. Os grupos de dança juvenis, têm potenciado aptidões e talentos naturais e têm promovido a valorização das raízes culturais, dando-lhes a oportunidade de criar coreografias e preparar a sua apresentação em espetáculos.

Destaca-se como exemplo o Projeto Dança com Impacto, em parceria com a Associação Ensaios d’Elogios. Este Projeto tem como missão apoiar crianças e jovens em risco social, facultando ferramentas socioculturais através da dança e da música, permitindo criar oportunidades únicas.

A arte oferece uma possibilidade única de desenvolvimento completo do ser, uma vez que alia a imaginação, a expressão de emoções, vivências e sonhos à capacidade de abstração, fundamental à cognição humana.

As expressões artísticas têm um importante impacto na formação ao longo da vida. A arte surge, assim, como uma dimensão fundamental ao homem, permitindo-lhe aceder ao mais profundo de si, expressar e transmitir o que sente, pensa e deseja. No ato de criar, o indivíduo, independentemente da sua idade, encontra uma forma de expressão única. Na infância e na fase da adolescência, a arte ocupa um lugar de particular destaque, pois potencia a exploração sensorial espontânea, a curiosidade que alavanca o gosto pela descoberta e a construção identitária. O papel, o tecido, o barro e o corpo favorecem uma viagem transformadora pelo seu mundo interno. À medida que dá forma, cor, textura e movimento à sua obra, espelha fragmentos de identidade, reinventa significados, cria pontes comunicacionais com o outro e expande a sua autoconsciência e o seu potencial humano.

BIBLIOGRAFIA

- Bilbao, Álvaro (2016). *O cérebro da criança explicado aos pais*. Lisboa, Planeta Editora.
- Libânio, Anabela (2013). *Educação pela arte, uma experiência para dar sentido aos sentidos*. Lisboa, Faculdade de Ciências sociais e humanas, Universidade nova de Lisboa.
- Silva, Alexandra et al (2009). *Escola criativa – um percurso em construção*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- Neto, Carlos (2020). *Libertem as crianças – a urgência de brincar e ser ativo*. Lisboa, Editora Contraponto.
- Folhas informativas do Projeto Rua.

WEBGRAFIA

<https://neuroaprendizagem.com.br/a-neurociencia-e-a-arte/>

A Criança, as Artes e a Educação.

ESTAMOS AQUI

Site

www.iacrianca.pt

Redes sociais



E-mail

iac-sede@iacrianca.pt

iac-marketing@iacrianca.pt

Morada

Av. da República, 21 | 1050-185 | Lisboa

Telefone

+ 351 213 617 880



Instituto de Apoio à Criança

Desde 1983 na Defesa e Promoção dos Direitos da Criança

Apoiar o IAC

Com o seu donativo está a contribuir para a defesa e promoção dos Direitos da Criança.

Faça o seu donativo através de:

Transferência bancária

IBAN PT50 0035 0127 0005880 6630 88

MBWAY 924 124 912

SER SOLIDÁRIO



Quer ser apoiante ativo desta Revista?

Faça o seu donativo através da Referência Multibanco:

Entidade: 21098

Referência: 101 343 004

Valor: xxx €

Para obter o seu recibo de donativo,
por favor, envie-nos o comprovativo de transferência
e/ou print do movimento MBWAY para o e-mail iac-sede@iacrianca.pt
com indicação do nome, NIF, morada ou e-mail.